

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM

Kelly Cristini Granzotto©

RESUMOⁱ

Este trabalho pretende fazer algumas considerações sobre a linguagem, que é objeto de fascinação do homem há tempo. Salienta-se a importância da escola mudar o modo de abordá-la, privilegiando suas diferentes manifestações, a fim de que o aluno possa melhor compreender o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Escola, linguagem, sociedade

INTRODUÇÃO

A linguagem está em toda parte e sem ela a sociedade não seria da forma que é. Isso acontece porque é pela linguagem que o homem estabelece as relações de comunicação; é através dela que adquire e transmite \expressa seus conhecimentos; é também pela linguagem que o homem lê, interpreta o mundo (aquilo que acontece a sua volta) e age sobre ele. Assim, a linguagem torna-se fundamental na sociedade humana, sendo relevante conhecê-la nas suas múltiplas manifestações.

Existem vários tipos de linguagem como a da música, escultura, pintura, fotografia, dança, mímica, televisão, etc. que se organizam em dois grandes grupos que são os da linguagem verbal e não-verbal. A linguagem verbal tem como unidade a palavra e pode ser oral ou escrita, e a não-verbal tem como unidade o gesto, o movimento, a imagem. A linguagem também pode apresentar variações que podem ser: sociais (apresenta-se a linguagem culta (padrão) que obedece às leis da gramática e a popular que é falada pelo povo. Ambas são usadas conforme a situação); literária (linguagem dos escritores e poetas que tem cuidado especial e criatividade); individuais (própria de cada falante); regionais (peculiar de uma determinada região).

A linguagem desempenha funções na sociedade, sendo primordial a sua função social. Isso se deve ao fato de ela permitir a comunicação, o diálogo, a interação, entre os homens, possibilitando que participem nas diversas atividades de seu mundo. Além da função social, a linguagem desempenha também a função cultural, pois é através dela que um povo conserva suas heranças culturais.

Muito já se tem estudado e descoberto sobre ela até hoje, mas ainda há caminho para ser trilhado, considerando que a língua \ linguagem se altera conforme o tempo e as necessidades de seus usuários, e que ninguém sabe ao certo se o que já é de conhecimento de todos é realmente o que ocorre com a linguagem.

1. Visão da língua \ linguagem até hoje

Como já foi dito, os estudos sobre a linguagem têm uma longa história. Na Antigüidade, a linguagem foi estudada pelos hindus, gregos, romanos. Nesse tempo, a visão de linguagem é que ela servia apenas para o homem expressar seu pensamento. Esta idéia rege os estudos tradicionais. Hoje ela não é aceita, pois não se pode dizer que um indivíduo que não consegue se expressar não pensa. No entanto, a linguagem só se tornou objeto de estudo científico quando, no século XX, a Lingüística, fundada por Ferdinand Saussure, ganhou status de ciência. Assim, diz-se que a Lingüística é o estudo científico da linguagem humana. Essa nova ciência passou, com o tempo, por vários momentos \correntes o que determinou que a linguagem fosse vista \estudada, em cada um desses momentos, de formas distintas.

No século XX, surgiram três correntes lingüísticas. A partir de 1916, desenvolveu-se a corrente estruturalista de Saussure que vê a língua como uma estrutura, formada por signos que se relacionam entre si de maneira harmônica e que se direcionam para o mesmo e único fim: permitir a comunicação entre os falantes de uma língua. O Estruturalismo pretende descrever a língua de forma sincrônica.

Por volta de 1950, com os estudos de Noam Chomsky, começa a ganhar força uma nova corrente dentro da Lingüística, o Gerativismo. Essa tendência pretende explicar como a língua se estrutura e não simplesmente descrevê-la, fazendo seus estudos de forma distinta da corrente precedente.

Nessas duas correntes lingüísticas que predominaram até os anos 70, Estruturalismo e Gerativismo, a linguagem é vista como instrumento de comunicação. Atualmente, esse pensamento é

discutido porque vê a língua como um código, que, aliada à existência de um emissor e de um receptor, permite a comunicação. Além do mais, esse conceito de linguagem, apesar de considerar dois indivíduos, considera-os isolados da situação de comunicação, ou seja, das condições extralingüísticas de produção da mensagem. Sendo assim, essas correntes apenas descrevem a língua abstratamente sem considerar o seu contexto de uso.

A terceira corrente lingüística, que é a mais recente e hoje é a mais estudada e aceita, é chamada de Lingüística da Enunciação. Esta corrente prega que estudar a língua é conhecer os condicionantes da linguagem, ou seja, considerar a situação em que é produzida a comunicação bem como quem a produz. Portanto, pretende estudar a linguagem enquanto atividade, ou seja, as relações entre língua e usuários. Nessa teoria, a linguagem é vista como interação, ou seja, um indivíduo, ao falar, age sobre o outro, manifestando seus pontos de vista. Essa concepção é mais aceita atualmente, pois, diz que a linguagem só acontece através do diálogo e da interação entre os falantes, sempre considerando o contexto comunicativo. **Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN \LP)** também adotam essa visão de linguagem:

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história (PCN, 1997: 25)

2. Hipóteses sobre a aquisição da linguagem

A forma pela qual se adquire a linguagem desperta intriga e fascina o homem há muito tempo. Apesar da espécie humana ter evoluído significativamente em seus conhecimentos, ainda hoje, o homem se faz esta pergunta: O que é que possibilita a uma criança adquirir a linguagem, que é exclusiva de sua raça, de um modo aparentemente fácil e em um intervalo de tempo curto? Até hoje, o homem, através de estudos, propôs três teorias sobre a aquisição da linguagem, sempre tentando responder às suas indagações: a behaviorista, a inatista e a cognitivista.

Para a hipótese behaviorista ou comportamentalista, a criança, ao nascer, é uma "tábula rasa" totalmente em branco e adquire a linguagem através de estímulo e resposta, e também pela imitação. Muitos estudiosos defendem essa

teoria, mas quem mais se destacou foi Skinner. No entanto, hoje essa hipótese não é aceita porque ela não soube explicar como as crianças, às vezes, dizem coisas que nunca haviam ouvido antes. Essa teoria ignora que uma criança pense sobre a língua, lançando hipóteses perante o que está em sua volta.

Para a hipótese inatista, a linguagem é inata, ou seja, a criança nasce com capacidades \dispositivos inatos para adquirir a linguagem que é própria da espécie. São defensores dessa teoria Noam Chomsky, Lenneberg e outros lingüistas. Atualmente essa teoria também não é bem vista pelos pesquisadores da área.

A teoria mais aceita, na atualidade, é a hipótese cognitivista de aquisição da linguagem, pois propõe que ela é adquirida em parte pelo desenvolvimento cognitivo. Nessa hipótese, a criança aprende a linguagem através da interação ativa com seu ambiente. Essa teoria de aquisição da linguagem está afim com a concepção de linguagem que se tem hoje: linguagem como interação.

3. Desenvolvimento da linguagem

A partir do momento em que a criança inicia a aquisição da linguagem, ou seja, pronuncia as primeiras sílabas ou palavras, ela passa por alguns estágios de desenvolvimento dessa linguagem até que se complete o processo de aquisição. Não se discutirá aqui como acontecem esses estágios de desenvolvimento da linguagem, pois não é essa a razão maior deste trabalho. Interessa sim refletir como a linguagem é estudada na escola.

4. Linguagem e a escola

Até hoje, ela é ensinada e estudada de maneira predominantemente tradicional. E se for recuperada qual concepção de linguagem está associada a essa forma de ensino, ou seja, linguagem vista apenas como expressão do pensamento, pode-se notar que a escola de hoje evoluiu muito pouco nesse aspecto. Atualmente, ao se falar de linguagem e o que se pensa sobre isso, logo surge a idéia de que ela envolve interação, diálogo entre os falantes de uma língua. Essa concepção é defendida por lingüistas, educadores, estudiosos e até falantes. É também valorizada pela Lingüística da Enunciação, Análise do Discurso, Sociolingüística e outras nuances da Lingüística moderna. Só que esses conceitos ainda fazem mais parte da teoria do que da prática, isto é, ainda não deixaram de ser simplesmente pensamentos, opiniões sobre a linguagem e a forma de ensiná-la e aprendê-la na

escola. Tanto isso é verdade que até então a maioria dos textos lidos e analisados em sala de aula são aqueles dos bons escritores da literatura, pois estes contêm o modelo de linguagem adequado. É muito pouco introduzido ou trabalhado, no ambiente escolar, textos dos próprios alunos e textos que fazem parte da sua realidade, ou seja, textos que são próprios de sua vida social. A linguagem do aluno é esquecida. Qual a causa disso? Pode ser que a maioria dos educadores saiba responder a essa questão. A principal conseqüência dessa prática descontextualizada e atrasada da escola é o desinteresse do aluno pela leitura e, conseqüentemente, pela escrita. Talvez, o educando tenha percebido, muito antes da escola, que aquilo que lê e escreve em sala de aula e que insistem em lhe cobrar não lhe é útil no seu meio social, não encontrando, portanto, razões para estudar.

Educadores e lingüistas, atualmente sugerem que se leve para a sala de aula textos e linguagens que façam parte da vida social do homem, explorando suas diferentes manifestações. Por exemplo: a linguagem dos meios de comunicação, que são tão presentes e decisivos na vida humana; a linguagem da publicidade e da propaganda; a linguagem de manuais, bulas, receitas...que são de necessidade de todo o cidadão; etc. Existem alguns objetivos a serem alcançados quando se trabalha com isso na escola. É preciso preparar o aluno para a sua realidade social, ou seja, educá-lo para agir como um cidadão crítico e atuante na sociedade. Os **Parâmetros Curriculares Nacionais – LP** julgam, dentre os seus objetivos para o Ensino Fundamental, que o aluno seja capaz de:

- *posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões coletivas;*
- *utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (PCN, 1997)*

Sendo assim, que a escola explore aquilo que é útil para o indivíduo, socialmente, hoje já se tornou uma necessidade imposta pelo tipo de sociedade em que se vive. Conforme HINOJOSA (1977) *apud* Compendo para Comunicar

A sociedade atual demanda com urgência indivíduos capazes de expressar com clareza suas opiniões frente às mudanças e frente às alternativas necessárias ao progresso e bem estar do mundo em que vivem.

(...)

A habilidade de expressão oral e escrita, neste momento, não pode ser considerada como um dom ou um privilégio; ela é já uma necessidade imperiosa em todos os âmbitos da vida socialmente organizada (HINOJOSA,1981: 9)

A escola, ao tomar conhecimento dos resultados de suas práticas, tenta, então, mudar, embora de maneira lenta, suas concepções e seus métodos de ensino e principalmente sua visão sobre a linguagem a fim de recuperar o interesse de seus educandos e de formá-los para a vida. Para isso, toma como bases as novas opiniões sobre o estudo da linguagem, as linhas da lingüística moderna e, principalmente, os **Temas Transversais** e os **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pode-se perceber que muitos educadores estão engajados nessa luta pela transformação da educação atual. Como exemplos têm-se coleções de livros didáticos que estão aprimorando suas sugestões para o ensino da Língua Portuguesa.

Conforme opinião de MARCONDES (2000):

Nossa proposta é trazer para o espaço escolar um pouco de vivência cotidiana desse estudante com sua cidade, sua casa, a banca de jornal, etc., fazendo-o refletir sobre essa vivência, a fim de diminuir a distância entre o que se faz no espaço escolar e o que se exige socialmente. (MARCONDES, 2000:9)

(...)

Além disso, ler textos que circulam socialmente é também agir como cidadão (...) vale dizer que ler o que circula socialmente é também agir socialmente (MARCONDES, 2000:13)

5. A Linguagem e os livros didáticos

Não é objetivo deste trabalho descrever minuciosamente livros didáticos da língua portuguesa, e julgá-los ideais ou não para o ensino, mas ressaltar que eles, tomando como exemplo a coleção **Linguagem Viva**, intitulada **“Vivência & Construção”** para 1ª a 4ª série.(2001), e o livro ALP 6 **“Análise, Linguagem e Pensamento – A diversidade de textos numa proposta**

socioconstrutivista” (1994), estão mudando, ou melhor, tentando se adequar às necessidades da realidade escolar e ao que se pensa por linguagem e educação hoje. Para mostrar que realmente isso está acontecendo, acredita-se ser necessário exemplificar com o material didático que é feito para ser utilizado nas escolas. Por isso, pretende-se fazer uma apresentação sucinta dos livros tomados como exemplos, salientando as novidades e mudanças.

6. Breve descrição das obras observadas, com alguns comentários

O livro ALP 6 traz em suas páginas iniciais :

- a introdução, onde apresenta sua proposta de trabalho, fundamentada em discussões sobre o ensino da linguagem, tendo como objetivo o letramento, isto é, capacitar o aluno para a leitura e escrita em todos os aspectos; Segundo os autores

(...) o letramento se dá quando o aluno aprende a ler o mundo que o cerca e a escrever sobre ele de diferentes formas (1994:10).

- o objetivo geral do livro, transposto aqui com as palavras dos autores CÓCCO & HAILER:

O objetivo geral do ALP é o desenvolvimento de um trabalho de linguagem que leve o aluno a observar, perceber, descobrir e refletir sobre o mundo, interagir com seu semelhante, através do uso funcional de linguagens (CÓCCO & HAILER, 1994: 2).

- a fundamentação teórica onde se apoiou para sugerir as atividades. Cita o Construtivismo, mais especificamente o Socioconstrutivismo, a Análise do Discurso, a Sociolinguística e alguns autores como Piaget, Vigotsky, Ana Teberosky e outros estudiosos.

- considerações sobre a leitura e análise dos diferentes textos lidos. É opinião dos autores:

A exploração de textos diversificados – verbais e extraverbais – é uma prática pedagógica que proporciona o desenvolvimento da expressividade, do uso funcional da linguagem, da leitura e da reflexão sobre o mundo (CÓCCO & HAILER, 1994:3).

- especificação dos tipos de textos trabalhados, dispostos em uma classificação feita pelos autores. Por exemplo: os textos práticos são os do tipo bilhetes, anúncios, cardápios, convites, manuais de instrução, bulas de remédios, etc.; os textos informativo são as enciclopédias, os dicionários, os textos jornalísticos, as gramáticas, os mapas, etc.; os textos literários são poemas, contos, crônicas, fábulas, novelas, etc.; os textos extraverbais são aqueles que não se utilizam de códigos lingüísticos (cores, formas, sons, gestos...) como pintura, escultura, música, mímica, arquitetura...;

- sugestões de trabalho com produção de textos feitas a partir da leitura, compreensão, interpretação e análise dos mais variados tipos de textos. Sugere que o aluno produza textos através de codificação, reestruturação, reconstrução, refacção 1, refacção 2.;

- considerações sobre como trabalhar com a ortografia e a gramática textual;

- a bibliografia usada e índice;

- sugestão de um roteiro para análise literária ao final da obra.

A coleção **Linguagem Viva**, adequada aos PCN e aos Temas Transversais, em seus quatro volumes apresenta-se dessa forma (descrição na ordem que aparece nos livros didáticos) :

- apresentação para o aluno de como está organizada a coleção;

- sumário;

- seção “São tantas palavras...”;

- apresentação das unidades(12);

- seção “Palavras Finais” ;

- seção “Minhas Palavras”, que é um caderno de produção de textos, referente a cada uma das 12 unidades. É apresentado no final de cada livro.

- manual do professor, composto por: sumário; apresentação para o professor de como está organizada a coleção; comentários sobre o trabalho com a linguagem e seus objetivos; a concepção de leitor e escritor bem como a formação dos mesmos; o porquê da escolha de certos textos e atividades; reflexões sobre os usos da língua; o processo avaliativo e o professor; descrição sobre cada seção do livro com sugestões de trabalho e alertas para o educador do que deve ser observado

durante a aplicação das atividades, etc.; bibliografia dos textos utilizados no decorrer do livro; sugestões de material complementar para o aluno (livros; vídeos e outras fontes: canais de TV, sites... organizados conforme os temas que abordam); bibliografia comentada para o professor.

É importante ressaltar aqui os objetivos dessa coleção didática:

Portanto, a proposta deste material didático centra-se no desenvolvimento de habilidades de uso da linguagem: da *língua oral*, para que os alunos saibam adequar suas falas aos diferentes contextos diários, e da *língua escrita*, para que, ao compreender o uso das diferentes formas em que ela se apresenta, tornem-se usuários competentes desse mecanismo de participação social (2001: IV).

Além disso, cabe aqui mostrar como os autores dessa coleção vêem a leitura, a escrita, as variedades lingüísticas.

As atividades feitas com leitura visam a formar leitores competentes, recuperando o que dizem sobre isso os PCN \LP apud **Vivência & Construção**:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (2001: 54) (V: 2001)

O trabalho envolvendo a produção textual almeja formar escritores competentes. Citando o que entendem por escritor competente os PCN \LP

Um escritor competente é alguém que ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e à circunstância enunciativa em questão. (...) É alguém que sabe elaborar um resumo ou tomar notas durante uma exposição oral; que sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento (2001: 65-6), (p. V).

As variantes da língua também devem ser estudadas na escola, porque não se pode ignorar a linguagem, a gramática natural que cada indivíduo constrói, de acordo com suas experiências, com e sobre a língua. Desconsiderar esse saber do aluno, construído desde seu nascimento, e substituí-lo por outro significa ignorar tudo o que ele aprendeu até chegar à escola ou julgar esse conhecimento errado, não proveitoso. Sugere então que a escola trabalhe as diversidades e depois, aos poucos, apresente a variedade que é reconhecida socialmente como o padrão culto da língua portuguesa.

De acordo com os autores:

Dessa forma, a escola estará favorecendo a integração de todas as variedades, relativizando os usos e criando situações em sala de aula que realmente possam ampliar e diversificar a experiência de falante de cada um (2001: VI).

A coleção sempre frisa que, antes de planejar qualquer atividade, o professor investigue o conhecimento do aluno sobre o assunto que será abordado, pois, isso é que vai determinar que tipo de trabalho vai ser realizado. Segundo os autores:

...não se pode esquecer que a aprendizagem se realiza através do confronto entre o que se sabe (conhecimento prévio) e a nova experiência em que se vive (elemento novo) (2001: X).

Com esse objetivo:

Nesta coleção, a cada unidade busca-se recuperar o conhecimento de mundo que o aluno tem em relação ao tema tratado. Todas as aberturas de unidades apresentam imagens que ilustram o contexto temático. A isso se seguem questões que têm por finalidade promover o debate e instigar os alunos a falar sobre si mesmos e sobre o conhecimento que já possuem, através de suas vivências (2001: X).

Também é importante para essa série didática, o trabalho em grupo, uma vez que acredita que a aprendizagem ocorre por meio de trocas, discussões, opiniões, interações. Igual relevância dada às atividades em conjunto têm as práticas orais, porque elas fazem o aluno perceber o valor da opinião e da argumentação presentes constantemente na vida das pessoas, além de poder adequar também a sua realidade \oralidade às necessidades do momento.

Se for observado bem o tipo de trabalho (objetivos, metodologia e atividades) que sugerem

esses livros, percebe-se que estão adequados ao que se tem como base na educação hoje, ou seja, estão de acordo com os PCN. As novidades que apresentam, se comparados aos livros didáticos mais antigos, são bastante significativas e importantes. Por exemplo:

- sugestão de atividades e materiais extras e bibliografia comentada para o aluno e o professor. Isso é de fundamental importância, pois se o educador ou o educando quiserem estudar, aprender mais ou pesquisar sobre algum tema fora do ambiente escolar já têm uma orientação anterior para isso.

- comentários dos autores sobre o método adotado pelo livro, apresentação dos objetivos geral e específicos para cada atividade proposta, opinião dos autores sobre como pensam que devem ser trabalhadas a leitura, a produção de texto, a ortografia, a gramática. Essas novidades podem ser de grande valia para o professor na sua prática de sala de aula, pois servem como material de orientação.

- abordagem interdisciplinar, ou seja, opção por alguns textos e imagens com assuntos característicos de outras disciplinas como, por exemplo, da Geografia.

- proposta de atividades que aproveitam o contexto social em que o aluno está inserido e que envolvem as múltiplas manifestações da linguagem. Essas, talvez, sejam as mais significativas mudanças nos livros didáticos: considerar aquilo que o aluno sabe desde a infância, aquilo que traz de seu mundo para a escola como sendo parte do processo de sua aprendizagem; e permitir que as mais variadas formas de linguagem que existem na sociedade em que se vive sejam levadas para a sala de aula a fim de que o aluno possa conhecê-las, entendê-las, interpretá-las, produzi-las e opinar sobre elas. Somente através do contato direto com situações e textos que as envolvem é que o educando terá condições de agir como um leitor consciente e crítico quando se deparar com a sua realidade, onde as múltiplas facetas da linguagem se mesclam.

CONCLUSÃO

Assim como as séries didáticas citadas, muitos educadores em suas obras e coleções estão se adequando às novas exigências da realidade educacional e aceitando as sugestões propostas pelos **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Dessa forma, a visão de que a linguagem serve apenas para

expressão do pensamento ou como instrumento da comunicação, aos poucos, está sendo descartada.

Percebe-se, assim, que a escola está mudando sua forma de pensar o ensino, apesar de a fazer de forma lenta. Isso acontece porque há resistência ao processo o que é natural em qualquer tentativa de modernização. São escolas que não dispõem de condições para o professor fazer um trabalho diferente; são educadores, que, sem motivação, optam por aplicar as atividades e as metodologias que já vêm desenvolvendo desde o início de sua carreira profissional, porque acreditam ser mais cômodo e menos trabalhoso. É preciso então motivar os professores e alertá-los para a necessidade de atualização. Quem sabe se começa incentivando esses profissionais a aproveitar, de forma seletiva, as propostas e sugestões que forem relevantes para a realidade de sua classe, apresentadas nas coleções didáticas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Compendo para **Comunicar 1**. Porto Alegre, 1981.
- MARCONDES, Beatriz; MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Com texto, 2000.
- MIRANDA, Cláudia; LOPES, Angélica Carvalho; RODRIGUES, Vera Lúcia. **Vivência & Construção- Língua Portuguesa**. V. 1, 2, 3, 4. São Paulo: Ática, 2001.
- LANGACKER, Ronald W. **A Linguagem e sua estrutura**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- LYONS, John. **Linguagem e Lingüística- uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais- Língua Portuguesa**. V.2, Brasília, 1997.

NOTAS

- ¹ Acadêmica do 4º semestre do Curso de Letras- Espanhol e bolsista PROLICEN; "A construção da prática pedagógica: um ato contínuo", orientado pela professora Sirlei Bitencourt Pacheco.